

PROJETO  
GERAÇÃO



QUALIFICAÇÃO DE  
AGENTES LOCAIS DE  
TURISMO CULTURAL  
E CRIATIVO

VOLUME

3

Nossos  
Visitantes



REALIZAÇÃO  
MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE), POR INTERMÉDIO  
DO PROGRAMA MANUEL QUERINO DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL  
E PROFISSIONAL (PMQ), E UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO  
DA BAHIA (UFRB).

**MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE**

MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO E EMPREGO  
Luiz Marinho

SECRETÁRIO DE QUALIFICAÇÃO E FOMENTO À GERAÇÃO  
DE EMPREGO E RENDA  
Magno Rogério Carvalho Lavigne

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL  
E PROFISSIONAL  
Cristina Kavalkievicz

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO TRABALHO E EMPREGO NA BAHIA  
Fátima Maria Andrade Freire

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB**

REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
Georgina Gonçalves dos Santos

VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO  
DA BAHIA  
Fábio Josué dos Santos

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA  
Danillo Barata

OBSERVATÓRIO DA INCLUSÃO E DIVERSIDADE  
NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - DIVERSIFICA

COMITÊ GESTOR  
Paulo Gabriel Soledade Nacif  
Luciana Alaíde Alves Santana  
Everson C. de A. Meireles  
Dinalva Melo do Nascimento

## **PROJETO GERAÇÃO**

**COORDENADOR GERAL**

Paulo Gabriel Soledade Nacif

**COORDENADORA ADJUNTA**

Ronalda Barreto Silva

**COORDENADOR PEDAGÓGICO**

Francisco José Carvalho Mazzeu

(Universidade Estadual Paulista Júlio Oe Mesquita Filho – UNESP)

**EQUIPE TÉCNICA**

Ádramo Costa da Silva

Gregório Ferreira da Silva Júnior Caires

Amanda Almeida

**ASSESSORIA DE IMPRENSA E GESTÃO DE REDES SOCIAIS**

**FUNPRESS COMUNICAÇÃO INTEGRADA**

**REDE DE UNIVERSIDADES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – IFB

**APOIO INSTITUCIONAL**

**SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA BAHIA (SETUR)**

**PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO**

**CRIA RUMO CONSULTORIA**

Rejane Silva Mira

Ernesto Britto Ribeiro

Manuela Scaldaferrri

Milena Rêgo

Elton Carlos R. de Almeida

(Design gráfico)

# Sumário

Nossos Visitantes ..... 7

Resumo ..... 25

Exemplos que inspiram ..... 27

Glossário ..... 29

Referências ..... 32



# Nossos Visitantes

Vamos continuar nossa viagem...No volume 2 percebemos a importância das nossas histórias e do valor que o nosso lugar possui. Como os nossos antepassados são importantes e nos deixaram uma herança de costumes que formam a nossa identidade. Olhamos para a geografia da região em que vivemos e como ela vem sendo transformada pelas ações coletivas, mudando o clima, o relevo e criando novas paisagens, às vezes melhores, às vezes piores. Vimos que é necessário agir com responsabilidade porque todas as atividades alteram o ambiente e influenciam outras pessoas. E assim compreendemos que o nosso lugar e a nossa comunidade possuem um importante patrimônio que são os recursos e belezas naturais ou culturais incluindo a nossa história de luta, as resistências, dificuldades e conquistas que nos trouxeram até aqui. A forma como mostramos essa riqueza para os visitantes pode gerar benefícios para todos os envolvidos, trazendo não só mais renda, mas melhores condições de vida, aprendizado, orgulho e satisfação, dando ainda mais força para continuar lutando pelos nossos direitos e pelo nosso futuro.

Para iniciar esse Volume 3, vamos pensar um pouco juntos: Quando você sabe que vai chegar uma visita importante em sua casa, o que você faz? Como você se prepara? Procura deixar as coisas arrumadas? Se preocupa em saber o que o visitante vai comer, quanto tempo vai ficar? E quando você vai para casa de alguém, o que você espera encontrar?

Refleta e discuta com seus colegas sobre essas questões e elabore um texto com os resultados dessa discussão.

Pois bem, tanto no papel de quem recebe como no de quem viaja, precisamos tomar algumas decisões para que tudo aconteça da melhor maneira possível.

Ao estudar o que sua comunidade pode oferecer e compreender o que os visitantes buscam, você pode contribuir para um turismo mais equilibrado e responsável, com resultados melhores para todo mundo.

Então vamos aprender um pouco mais sobre como fazer isso....

---

Como vimos nos livros anteriores, nosso grupo de amigos formado por Luiza, Carlos, Mel e Maiara estavam visitando a comunidade quilombola de Jamila para saber como eles fazem para desenvolver o turismo cultural e criativo.

Os visitantes ficaram impressionados com a forma como a comunidade integrava clima, cultura e natureza em suas ofertas turísticas. Eles perceberam que um planejamento cuidadoso, respeitando as características de cada período do ano, não apenas enriquece a experiência dos visitantes, mas também assegura a sustentabilidade e o respeito às tradições locais

Após um dia repleto de atividades e trocas culturais, o grupo se reuniu ao redor de uma fogueira para experimentarem batata doce assada. O céu estava pontilhado de estrelas, e o calor do fogo criava um ambiente acolhedor, na noite fria.

Jamila, a líder comunitária, observava seus convidados com um sorriso satisfeito. “Espero que vocês tenham aproveitado as atividades e aprendido um pouco com nossa comunidade.”

Luiza, ainda absorvendo tudo o que havia vivenciado, respondeu: “Com certeza, Jamila. Foi inspirador ver como vocês integram o turismo com a preservação cultural. Cada detalhe é pensado para respeitar e valorizar a identidade local.”

Mel, ao lado de Luiza, acrescentou: “Eu gostei do que vivi, mas me pergunto: será que turistas também gostam? Será que o que eu tenho na minha comunidade vai atrair alguém?”

Jamila assentiu. “Entender o que cada visitante procura nos ajuda a oferecer algo que atenda do interesse deles, sem deixar de lado nossas tradições.”

Maiara, olhando para as chamas, perguntou: “E as diferenças culturais? Como vocês lidam com isso?”

“Aprendemos a ver essas diferenças como uma oportunidade de troca,” explicou Jamila. “Cada cultura traz algo único, e nosso papel é facilitar essa troca de forma respeitosa.” Continuou: “Recebemos um grupo indígena que nos ensinou a fazer um peixe com ervas aqui do quintal, que só usávamos para remédio. E ficou bom! Isso não apenas enriqueceu nosso conhecimento culinário, mas também criou uma conexão através da comida.”

## Contextualizando...

Os turistas não estão mais satisfeitos apenas com a visita aos pontos turísticos tradicionais. Eles buscam experiências autênticas e únicas. Muitos preferem interagir com a cultura local, participar de atividades únicas e escapar das multidões. Enquanto outros querem curtir festas e agito, há aqueles que só buscam descansar e não abrem mão da tranquilidade com segurança.

Seja qual o motivo principal da viagem, estando no destino, atividades variadas podem acrescentar bons momentos e enriquecer a estada.



Saiba mais no artigo:  
[O novo perfil do turista](#)





*Você recebe visitantes em sua comunidade? De onde eles são? O que buscam? Vão como? Com quem? Fazem o quê? Ficam quanto tempo? Comem o quê? Onde? Qual o contato que você tem com eles?*

*Com essas respostas você definiu a demanda atual. Perfil de quem hoje visita sua comunidade.*

*Agora liste quem você quer que chegue até sua comunidade? Com quais interesses? Para fazer o que? Onde? Quando? Essas respostas define a demanda potencial desejada.*

*Leve suas respostas para debate em sala.*

Carlos, que havia passado o dia observando atentamente, comentou: “Durante as atividades, percebi como vocês usam o que cada um de nós conhece a favor das experiências aqui na comunidade. As conversas com nossa participação fazem toda a diferença, como saber quem já tinha moldado uma peça com argila antes, ou quem conhecia as plantas e como usava. Isso nos coloca na cena..”

“Isso é fundamental,” concordou Jamila. “Queremos que os visitantes se sintam bem-vindos e para respeitar nossos costumes, precisamos ouvir e respeitá-los também. São pessoas que trazem seus conhecimentos, seus modos e as vezes são diferentes dos nossos. Importante que eles saibam como se comportar, mas só em escolherem aqui para visitar, já mostram certo interesse e as informações que damos antes e durante a visita são essenciais para isso.”

Curiosa, Luiza perguntou: “E se houver algum inconveniente, com visitantes se comportando mal? Como vocês resolvem?”

“Sempre com diálogo,” respondeu Jamila, com serenidade. “Procuramos entender o ponto de vista do outro e explicar o nosso. Colocamos os nossos limites e explicamos o porquê das coisas serem como são, o que pode e o que não pode e pedimos respeito com respeito. Tem funcionado. Ainda bem!”

Maiara, declarou: “Estou levando muitas ideias para minha comunidade. Podemos adaptar várias dessas práticas para criar um turismo que respeite nossas diferenças. Penso em informar o turista antes dele chegar na nossa comunidade sobre o respeito às mulheres e crianças, quais as boas práticas que ele deve adotar. Exemplo: não fotografar sem permissão, não usar termos pejorativos, não ficar encarando, não tocar etc. Muitos acham que vão nos achar sem roupas e vão por essa curiosidade.”

Mel, comentou: “Na nossa comunidade tratamos todos iguais independente do gênero. Faremos questão de ter recepcionando os visitantes pessoas representativas da comunidade LGBTQIANP+. Assim como temos os que dominam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que serão nossos parceiros.”

“Em nossa comunidade,” falou Jamila, “diversidade é mais do que uma palavra. É a essência do que somos. Aqui, respeitamos as diferenças de sexo, identidade de gênero, etnia e idade. Porém, somos uma comunidade matriarcal e as mulheres assumem as posições de liderança, com raríssimas exceções.”

Maiara, acrescentou: “Na minha cultura, aprendemos desde cedo a valorizar as pessoas como elas são. Cada um de nós tem um papel a desempenhar, e nossas diferenças nos fortalecem.

Mel, que sempre sentiu a necessidade de um espaço inclusivo, compartilhou sua perspectiva: “Diversidade sem inclusão pode levar à marginalização. Já vivi isso. É essencial que as comunidades não apenas reconheçam as diferenças, mas também criem espaços onde todos se sintam acolhidos e valorizados.”

Carlos concordou, destacando a importância da inclusão no ambiente de trabalho. “Na cooperativa, trabalhamos para garantir que todos, independentemente de suas origens ou habilidades, tenham a chance de contribuir plenamente. Muitos dos nossos coletadores estão em situação de rua, e a cooperativa acolhe e remunera pelos seus achados de forma justa. Isso não só enriquece nosso ambiente, mas também nos torna mais solidários e humanos.”

Luiza refletiu sobre suas experiências na capital. “Vejo que a diversidade é reconhecida, mas muitas vezes falta inclusão. Precisamos criar ambientes onde a variedade de experiências e ideias não seja apenas aceita, mas celebrada. Para isso precisamos também levar em consideração a acessibilidade”

Jamila, continua “A inclusão é uma jornada constante. Pequenas ações podem gerar grandes mudanças. Devemos trabalhar ativamente para identificar e eliminar práticas discriminatórias, promovendo um ambiente acolhedor e seguro para todos e garantir que todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas, tenham acesso pleno aos espaços e serviços.”

“A acessibilidade é mais do que uma rampa ou um elevador,” explicou Carlos. “É sobre garantir que todos possam participar da vida comunitária de forma independente e digna.”

Luiza, que tinha experiência em projetos urbanos na capital, acrescentou: “Em muitos lugares, ainda encontramos barreiras que impedem a participação plena de pessoas com deficiência. Precisamos pensar em acessibilidade desde o início, não como um complemento.”

Mel, que conhecia bem os desafios enfrentados por pessoas com deficiência em sua comunidade, concordou: “A acessibilidade deve ser uma prioridade. Não se trata apenas de cumprir leis, mas de garantir que todos tenham a oportunidade de participar igualmente.”

Maiara, refletindo sobre sua própria comunidade, observou: “Em nossas aldeias, a acessibilidade é vista de forma ampla. Não se trata apenas de estruturas físicas, mas também de garantir que todos tenham acesso às informações e serviços, respeitando suas necessidades.” Corrimão com cordas e retirada dos obstáculos ajudou para que nossa parente cega tenha autonomia na Aldeia.

Carlos, que trabalhava diretamente com materiais recicláveis, viu uma conexão com seu trabalho. “Podemos usar materiais reciclados para criar soluções acessíveis e sustentáveis. A acessibilidade não precisa ser cara; precisa ser inteligente. Uso de imagens na sinalização as torna mais fácil a compreensão para todos. Para que usar o termo WC se podemos ter a imagem de um vaso sanitário para indicar o banheiro?”, terminou Carlos fazendo todos rirem.

Jamila enfatizou que a acessibilidade é um direito fundamental. “Quando garantimos acessibilidade, melhoramos a qualidade de vida das pessoas com deficiência, permitindo maior independência e participação, mas temos que pensar também

em favorecer a todos: idosos, pessoas com dificuldade de locomoção temporária, por ter quebrado o pé por exemplo, mulheres grávidas ou carregando crianças. São muitas possibilidades que precisam ser previstas.”

O grupo discutiu maneiras de implementar essas ideias em suas próprias comunidades. Eles reconheceram que a acessibilidade não apenas beneficia aqueles com deficiência, mas enriquece a sociedade como um todo, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos.

O grupo concordou que a diversidade se refere à variedade de características e experiências que fazem parte de um grupo de pessoas, incluindo raça, etnia, gênero, identidade de gênero, sexualidade, idade, religião, deficiências, nível socioeconômico, educação e experiências de vida. Eles reconheceram que a inclusão é o processo de criar um ambiente em que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, se sintam valorizadas, respeitadas e capazes de contribuir plenamente.

Enquanto a noite avançava, o grupo sentiu que essa discussão era apenas o começo de um compromisso maior com a diversidade e a inclusão em suas próprias comunidades. Inspirados pela experiência no quilombo, cada um estava determinado a levar essas lições adiante, promovendo a equidade e o respeito em todos os contextos de suas vidas.



### Para refletir:

*Diversidade e inclusão - Após assistir esse vídeo, pense em como você trata os diferentes. Liste as diferenças existentes na sua comunidade e leve para a sala de aula algumas soluções para melhorar a inclusão.*



## Saiba mais:

Aqui estão alguns exemplos de atitudes mais inclusivas que você pode incorporar em seu dia a dia:

- Evite usar termos generalizantes ou estereótipos. Use palavras mais simples.
- Uma mesma pessoa pode ter várias características, pois diferentes aspectos da identidade se cruzam e influenciam as experiências das pessoas. Evite fazer suposições sobre as pessoas. Pergunte como elas preferem ser tratadas.
- Tente se colocar no lugar do outro. Como você se sentiria se estivesse no lugar do outro?
- Converse com as pessoas da comunidade sobre a importância da inclusão e do respeito às diferenças.
- Cobre da esfera governamental políticas inclusivas.
- Evite fazer comentários generalizantes sobre grupos de pessoas. Por exemplo, todo brasileiro gosta de feijoada.
- Denuncie discursos de ódio e promova o respeito às diferenças.
- Evite piadas. Apesar de parecerem engraçadas elas são microagressões, ou seja, são ofensivas ou discriminatórias, mesmo que não sejam intencionais.

## Aprenda!



Algumas expressões preconceituosas em nosso dia a dia foram utilizadas durante muito tempo. Quanto mais aprendemos, mais podemos melhorar. Veja as 10 frases e expressões homofóbicas para tirar do vocabulário ([terra.com.br](http://terra.com.br))



“Sejam bem-vindos! Espero que se sintam em casa,” disse Dona Rosa com um sorriso caloroso. “Se acomodem e venham comer. Preparamos um jantar especial para vocês esta noite.”

Luiza notou a simplicidade e o conforto do lugar. “As acomodações aqui são um ótimo exemplo de como simplicidade e conforto podem andar juntos,” disse ela.

“Sim, e o formato Cama e Café permite que os visitantes vivam uma experiência mais autêntica,” acrescentou Jamila. “Eles podem tomar café da manhã com as famílias locais e aprender sobre o dia a dia daqui.”

Dona Rosa fez questão de também oferecer o jantar.

Durante o jantar, enquanto degustavam pratos típicos como moqueca e farofa, Mel comentou: “É incrível como vocês conseguem fazer a gente se sentir tão à vontade. Parece que estou visitando a casa de um parente.”

Dona Rosa respondeu: “Aqui, a hospitalidade é nossa maneira de mostrar respeito e carinho por quem nos visita. Queremos que todos sintam que fazem parte da nossa família.”

Luzia foi que explicou o termo com muita propriedade “Na faculdade fiz um trabalho sobre hospitalidade e me encantei. Agora que Dona Rosa usou o termo, me lembrei e posso atestar que os princípios da hospitalidade eu encontrei aqui: receber, hospedar, alimentar e entreter atentando para o cuidado em acolher e sendo simpática e gentil, oferecendo segurança e conforto.”

Carlos brincou: “Eita comunidade hospitaleira!!!!”



*Turismo e Hospitalidade - Após ouvir esse áudio, levante as possibilidades de hospitalidade existente e quais outras precisam ser implementadas para que sua comunidade seja considerada hospitaleira.*



No dia seguinte, Jamila organizou uma caminhada pela comunidade. “Vocês vão perceber que a sinalização está em toda parte,” explicou ela. “Queremos que os visitantes possam explorar sem se perder.”

Carlos, observando as placas bem-posicionadas, comentou: “Isso faz toda a diferença. Facilita para quem não conhece o local. Isso também é hospitalidade!”



*Você sabe o motivo do nome da sua comunidade? Essa explicação está disponível para todos os visitantes? De que forma? Sua comunidade é bem sinalizada? Existe uma padronização na sinalização? Quais melhorias na sinalização você propõe para que sua comunidade seja mais acolhedora para o visitante?*

No segundo almoço na comunidade, foram servidos outros pratos com ingredientes locais, na casa de outra moradora. Maiara ficou impressionada com a apresentação dos alimentos em folhas de bananeira. “Isso é maravilhoso! Transforma a refeição em uma experiência cultural.”

Carlos concordou: “E ainda fortalece a economia local ao usar produtos da região.”

Durante a conversa, Jamila foi questionada por Luiza pelos serviços básicos na comunidade e ela destacou a importância dos serviços de saúde e segurança. “Aqui temos um posto de saúde com atendimento médico uma vez por semana. A técnica de enfermagem é quem fica todos os dias. A polícia só aparece quando chamada.” explicou ela.

Mel perguntou: “E se alguém precisar de ajuda urgente?”

## Saiba mais:

### Primeiros Socorros

A prática de primeiros socorros é fundamental para garantir a segurança e o bem-estar de residentes e visitantes. Afinal, imprevistos podem acontecer a qualquer momento, e estar preparado para lidar com emergências pode fazer toda a diferença.

#### Telefones uteis:

- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU (pronto-socorro) - 192
- Corpo de Bombeiros - 193
- Polícia Militar - 190
- Polícia Rodoviária Federal - 191
- Polícia Rodoviária Estadual - 198
- Defesa Cível - 199



Para saber mais sobre Primeiros Socorros assista: [Videoaula | Noções Básicas em Primeiros Socorros \(youtube.com\)](#)



“Se a técnica não resolver, chamamos a emergência que nos atende quando ligamos e a ajuda chega. As vezes demora, mas chega!” respondeu Jamila.

Carlos disse que estava conhecendo o melhor dos mundos, bem diferente da comunidade dele. Todos concordaram e lamentando falaram de situações de suas comunidades mostrando realidades difíceis com falta de assistência.

## Contextualizando...

Uma infraestrutura turística bem-organizada é essencial para garantir que os visitantes tenham uma experiência agradável e segura. Além de envolver o setor público e privado, há inúmeras possibilidades para que os moradores das comunidades locais participem ativamente no desenvolvimento do turismo, enriquecendo a experiência dos visitantes e promovendo o desenvolvimento sustentável. Aqui estão algumas formas de como isso pode ser feito:

- **Transporte Comunitário:** Os moradores podem organizar cooperativas de transporte, oferecendo serviços como táxis, vans ou aluguel de bicicletas. Isso não só gera emprego local, mas também proporciona uma experiência mais autêntica aos visitantes, que podem interagir diretamente com os residentes e obter informações privilegiadas sobre a região.
- **Acomodações Locais:** Os residentes podem transformar suas casas em hospedagens, como Cama e Café ou aluguel de quartos, permitindo que os turistas vivenciem o cotidiano local. Essa prática não só diversifica as opções de hospedagem, mas também promove intercâmbios culturais enriquecedores.
- **Gastronomia Regional:** Os moradores podem abrir pequenos restaurantes ou barracas de comida que ofereçam pratos típicos da região, utilizando produtos locais. Isso fortalece a economia local e oferece aos turistas uma autêntica experiência culinária. Oficinas de culinária também podem ser organizadas, permitindo que os visitantes aprendam a preparar pratos tradicionais.
- **Condutores Locais e Experiências Culturais:** Os moradores podem atuar como condutores, oferecendo passeios personalizados que destacam a história, cultura e natureza da região. Além disso, podem organizar eventos culturais, como apresentações de música, dança e arte, proporcionando aos turistas uma imersão na cultura local.

- **Artesanato e Produtos Locais:** Incentivar a produção e venda de artesanato e produtos locais pode ser uma excelente fonte de renda para a comunidade. Os turistas tendem a valorizar itens autênticos e feitos à mão, o que pode incluir desde lembranças até produtos alimentícios típicos.
- **Tecnologia e Conectividade:** Os moradores podem colaborar na criação de aplicativos ou plataformas online que promovam o turismo local, compartilhando informações sobre atrações, eventos e serviços disponíveis. Isso pode incluir o desenvolvimento de mapas interativos ou guias digitais que ajudem os turistas a conhecerem a região de forma independente.

Ao envolver os moradores no desenvolvimento da infraestrutura turística, não apenas se cria uma experiência mais autêntica e enriquecedora para os visitantes, mas também se promove o desenvolvimento econômico e social da comunidade. Essa abordagem garante que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma mais equitativa, contribuindo para a sustentabilidade e o fortalecimento dos laços comunitários.

## Saiba mais:



Conheça  
11 tipos de  
hospedagem



Mototáxi  
estilo tuk  
tuk vira  
atração na cidade



Como abrir  
um 'cama e  
café'?



O poder  
transformador do  
artesanato





*Proponha um empreendimento (produto ou serviço) para compor a atividade turística da sua comunidade que você poderia implementar. Pesquise algo semelhante na internet e faça o levantamento de quais investimentos seriam necessários. Busque possíveis parceiros. Será essa uma oportunidade para sua renda extra?*

Depois do almoço Jamila levou o grupo até a praça onde apresentou quem iria conduzi-los no passeio da tarde, antes do retorno deles para suas comunidades. O condutor, Sr. Antônio, era um contador de histórias nato. “Cada pedra aqui tem uma história,” disse ele, apontando para uma antiga construção.

Maiara perguntou: “Como vocês conseguem manter viva essa riqueza cultural?”

Sr. Antônio sorriu: “Compartilhando com vocês. Cada visitante leva um pedaço da nossa história.”

Mel reclamou da falta de sinal de telefonia na comunidade, mas disse que tinha sinal de wi-fi na praça e perguntou se Jamila tinha a senha.

“Seria bom desconectar um pouco das redes, mas entendemos que a conexão facilita a vida de todos e em caso de necessidade, disponibilizamos as nossas senhas, já que não temos cobertura de telefonia.” explicou Jamila.

Durante uma visita guiada a uma igreja antiga, Jamila destacou a importância dos condutores de turismo. “Eles são nossos embaixadores,” disse ela. “Garantem que vocês tenham uma experiência segura e educativa.” Ontem conheceram Dona Maria, hoje Sr Antônio e ainda temos mais três outros moradores que assumem essa função aqui no quilombo.

Carlos perguntou “porque o nome condutor se exerce a função de guia?” Sr Antônio foi rápido ao responder que “guia de turismo é uma profissão regulamentada,

e por lei, para exercer essa função precisa de um curso específico e ter registro no ministério do turismo.”

Luiza, impressionada com o conhecimento dos condutores, comentou: “Vocês realmente sabem sobre muitas coisas. Eu aprendi sobre a história de vocês, das plantas, dos animais, da produção, da gastronomia... Que riqueza de conteúdo. Esse turismo bem completo é educativo”.

Sr. Antônio aproveitou para mostrar ainda mais conhecimento: “Existem muitos tipos de turismo, cada um com suas características. Por exemplo, o turismo de massa é aquele em que grandes grupos de pessoas visitam destinos populares, como praias e lugares famosos. Tem o feito para grupos menores com o objetivo de aprendizado que chamamos de turismo pedagógico, mas voltado para estudantes de todos os níveis.”

Luiza interrompeu: “Ah, como quando visitamos aquelas praias lotadas no verão. É divertido, mas pode ser bem caótico.”

“Exatamente,” concordou Sr. Antônio. “Outro tipo é o ecoturismo, que foca na natureza e na sustentabilidade. As pessoas buscam experiências em ambientes naturais, respeitando e preservando o meio ambiente.”

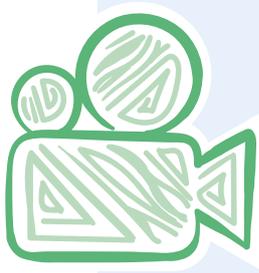
Maiara acrescentou: “Isso me lembra das trilhas que fazemos na nossa aldeia, onde sempre ensinamos os visitantes a importância de respeitar a floresta.”

Jamila então tomou a palavra: “Aqui, escolhemos o turismo de base comunitária como modelo de gestão. Aqui cabe diversos tipos de turismo: cultural, pedagógico, afroturismo, de lazer e tantos outros. Mas ser de base comunitária significa que a comunidade está no centro de tudo. Nós planejamos e gerimos as atividades turísticas, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma justa entre todos. Buscamos que seja assim também com a venda da nossa produção, pois não vivemos só de turismo. Praticamos o comércio justo”.

Carlos perguntou: “E como isso se relaciona com o comércio justo?”

Jamila explicou: “O comércio justo e responsável garante que os produtos e serviços oferecidos respeitem os direitos dos trabalhadores e o meio ambiente. Aqui, por exemplo, os artesanatos que vendemos são feitos por artesãos locais, e o di-

nheiro vai diretamente para eles. Nossa produção agrícola pode ser oferecida como experiência para o turista, mas também chega a ele na comida servida no almoço, nos lanches, sucos e ainda estão disponíveis para venda na quitanda. Muitos consomem e levam para suas casas, seja a fruta, raiz ou legume ou em forma de doces, compotas, biscoitos. As manifestações culturais quando se apresentam, despertam o interesse dos visitantes, que levam as réplicas dos instrumentos, as camisetas feitas com as imagens e muito mais. Isso sem falar dos que querem participar dos ensaios, oficinas e cursos. É o que chamamos da produção associada ao turismo.



### Saiba mais:



*Sistema Nacional  
do Comércio Justo  
e Solidário*



*Turismo  
Responsável*

Mel perguntou: “E como vocês garantem que o turismo não prejudica a comunidade?”

Sr. Antônio respondeu: “Mantemos o controle sobre o número de visitantes e as atividades que eles podem fazer. Estipulamos a chamada capacidade de carga para cada experiência que oferecemos. Não dá para colocar 20 pessoas para almoçar de uma só vez se só tivermos 12 pratos, né? As trilhas, as experiências com o barro, tudo tem quantidade de pessoas, tempo que dura, quem vai orientar, quanto custa, quando pode acontecer. Isso ajuda a proteger nossa cultura e o meio ambiente. Além disso, os visitantes são educados sobre a importância de respeitar nossos costumes.”

Jamila deu um exemplo prático: “É como quando você vai visitar a casa de alguém. Você respeita as regras da casa, certo? Aqui é a mesma coisa. Queremos que os visitantes se sintam bem-vindos, mas também que respeitem nosso espaço.” Continuou, “Recebemos orientação, da mesma universidade que nos ajudou com o for-

no, para fazer as fichas técnicas das atividades que são oferecidas. Assim sabemos quanto custa e quanto podemos cobrar. Vocês são nossos convidados e não pagaram, mas essas vivências têm preço e são negociadas com quem traz os visitantes ou com eles quando chegam por conta própria. Tudo com muita transparência dos envolvidos e rateio correto. Cada um sabe o que tem que fazer e quanto vai ganhar.”

Mel questionou em relação aos tipos de grupos se tinha valores diferenciados.

“Sim! Para projetos sociais que querem aprender e fazer trocas como vocês, não cobramos ou pedimos contribuições voluntárias. Para escolas, temos um valor menor pois queremos muito que os alunos conheçam a realidade e a nossa versão da história. Grupos de turistas, que estão vindo com agências de viagem, tem um valor e uma forma de pagamento diferenciada. Famílias que querem passar o dia aqui e já vieram outras vezes, pagão o que consomem e eles já combinam o que querem comer para o preparo antecipado. Assim evitamos desperdício e mal-entendidos.” Respondeu Sr Antônio.

Luiza refletiu: “Faz sentido. Assim, vocês conseguem preservar a cultura e ainda gerar renda para a comunidade, tendo garantia de bons serviços.”

Jamila concluiu: “Exatamente. O turismo de base comunitária não é apenas sobre receber visitantes, mas sobre criar uma troca cultural que beneficia tanto a comunidade quanto os turistas.”

Ao final da explicação, o grupo estava mais consciente sobre as diferentes abordagens do turismo e inspirado pela forma como a comunidade quilombola havia integrado o turismo de maneira sustentável e justa. Eles perceberam que o turismo de base comunitária não só promove o desenvolvimento econômico, mas também fortalece a identidade e a coesão da comunidade.



*Você já viajou? Se sim, registre como foi. Se não, planeje uma viagem. Coloque todos os elementos: qual o motivo, destino, transporte, hospedagem, alimentação, a experiência. Compartilhe com sua turma e deixe que os outros viajem na sua viagem.*

Foram caminhando para o local de embarque de volta para suas comunidades.

Luiza foi a primeira a falar: “Jamila, em nome de todos nós, quero agradecer pela hospitalidade e por compartilhar tanto conhecimento. Essa experiência abriu nossos olhos para o potencial do turismo comunitário.”

Jamila sorriu, visivelmente emocionada. “Foi um prazer ter vocês aqui. Espero que levem um pouco da nossa história com vocês e que isso inspire mudanças positivas em suas comunidades.”

Mel, com um brilho nos olhos, acrescentou: “Aprendi que o turismo pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade e gerar renda, sem perder de vista o respeito e a sustentabilidade.”

Maiara, segurando um pequeno artesanato que comprara, refletiu: “A forma como vocês integram o comércio justo com o turismo é admirável. Vou levar essa ideia para minha aldeia, para que possamos compartilhar nossa cultura de maneira respeitosa e benéfica.”

Carlos, sempre prático, comentou: “A organização e o planejamento que vi aqui são exemplos claros de como podemos implementar o turismo de forma eficaz. Estou ansioso para aplicar algumas dessas ideias na cooperativa.”

Jamila fez questão de reforçar o incentivo: “Lembrem-se de que o turismo de base comunitária é sobre construir pontes, não apenas econômicas, mas culturais e sociais. Vocês têm o poder de transformar suas comunidades respeitando suas raízes.”

Com um aceno de cabeça, Luiza concluiu: “Vamos voltar para casa com um novo propósito. Obrigada, Jamila, por nos mostrar que é possível promover o desenvolvimento com dignidade e respeito.”

Enquanto se despediam, Dona Rosa apareceu com um bolo de fubá, um símbolo de carinho e amizade. “Para vocês levarem um pedacinho do nosso lar,” disse ela com um sorriso.

O grupo partiu com o coração cheio de gratidão e a mente fervilhando de ideias. A viagem não só os ensinou sobre o turismo de base comunitária, mas também os inspirou a se tornarem agentes de mudança em suas próprias comunidades, promovendo um turismo que respeita e celebra a identidade de cada lugar.

## Resumo

### Demanda

- Perfil do Turista
- Tipos de Turista
- As diferenças culturais e as trocas
- A Educação do Turista: o que ele precisa aprender e o que pode ensinar
- Respeito às diferenças de sexo, identidade de gênero, etnia, idade, etc.
- Acessibilidade

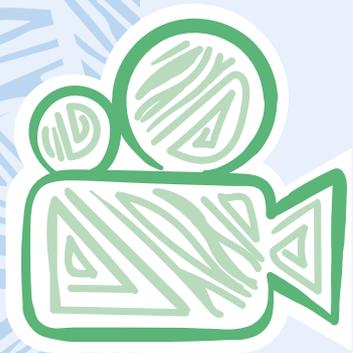
### Oferta

- Hospitalidade
- Infraestrutura turística
- Transporte: segurança, acesso, sinalização, veículo
- Hospedagem: cama e café, enxoval, higiene, segurança
- Alimentação: insumos, utensílios, identidade e preço, segurança alimentar
- Guiamento e condução
- Primeiros Socorros

## Características desejáveis do Turismo na comunidade

- De Base Comunitária
- Histórico-cultural
- Criativo
- Étnico
- Sustentável
- Solidário
- Responsável

## Comércio justo e consumo responsável nas atividades turísticas



## Exemplos que inspiram:

*O Significado e a importância da hospitalidade para os indígenas do Alto Xingu*



*Turismo de Favela: Conhecendo o Morro Santa Marta | Turismo de Base Comunitária | Brasilidade*



*Turismo de Base Comunitária em Capivari*



*Turismo de base comunitária na periferia de SP valoriza diversidade cultural*



*Turismo de Base Comunitária - Paraty*





*Aldeia Indígena Babaçú - Projeto Pontes para o Turismo de Base Comunitária no MS*



*Turismo de Base Comunitária: Melhorando Vidas e Preservando o Meio Ambiente*



*Turismo rural de base comunitária - Experiências do Idam/AM e da Emater/RN*



*Fica Aqui no Morro da Rocinha - Turismo comunitário na Rocinha*



*A Realidade da Favela da Rocinha no Rio de Janeiro*



*Turismo comunitário em São Vitor*



## Glossário

**Acessibilidade** é a garantia de que todas as pessoas possam ter acesso e utilizar espaços, produtos, serviços e informações, preservando sua autonomia. Ou seja, acessar lugares e informações, de forma independente, isso significa eliminar barreiras que impeçam a participação plena de indivíduos, especialmente aqueles com deficiência ou mobilidade reduzida. Tipos de acessibilidade:

- **Física:** a adaptação de espaços e equipamentos para garantir o acesso de todos. Por exemplo: rampas, elevadores, banheiros adaptados, sinalização em braile;
- **Comunicacional:** informação seja acessível a todos, independentemente de suas habilidades. Exemplos: Libras (Língua Brasileira de Sinais), audiodescrição e legendas;
- **Acessibilidade Tecnológica:** Uso de tecnologias para auxiliar pessoas com deficiência em suas atividades. Exemplos: softwares de leitura de tela, cadeiras de rodas motorizadas, próteses

**Atrativos turísticos** são locais, eventos ou experiências que atraem visitantes a um determinado destino. Eles podem ser naturais (praias, montanhas, cachoeiras), culturais (museus, monumentos históricos), ou de entretenimento (parques temáticos, shows). Já as atividades turísticas são as ações que os visitantes realizam durante sua viagem, nos atrativos.

**Capacidade de carga turística** é um cálculo que visa identificar a quantidade de visitantes que uma localidade pode comportar sem prejudicar o seu patrimônio. Para isso, é necessário considerar uma série de fatores, como os ecológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais.

**Centros de Informações Turísticas** são os locais onde os turistas podem obter mapas, informações sobre atrações e dicas de viagem.

**Comércio justo** é um movimento social e econômico para garantir que os produtores e trabalhadores recebam um pagamento justo por seu trabalho e que suas condições de trabalho sejam dignas e seguras. As desigualdades surgem no comércio global, onde os pequenos produtores muitas vezes enfrentam exploração e recebem uma parte muito pequena do valor final dos produtos que produzem.

**Condutor ou monitor de turismo:** pode ser exercido por qualquer pessoa, desde que tenha conhecimento e habilidades para apresentar aos visitantes informações sobre uma determinada localidade.

**Consumo responsável** é a prática de fazer escolhas conscientes ao adquirir produtos e serviços, levando em consideração o impacto ambiental, social e econômico dessas escolhas. Em outras palavras, é pensar não apenas em nossas necessidades individuais, mas como nossas escolhas afetam o planeta e as pessoas.

**Diversidade** refere-se à variedade de características e experiências que fazem parte de um grupo de pessoas. Isso inclui:

- Raça e etnia
- Gênero e identidade de gênero
- Orientação sexual
- Idade
- Religião
- Deficiências
- Nível socioeconômico
- Educação
- Experiências de vida

A diversidade reconhece e valoriza as diferenças entre as pessoas, entendendo que essas diferenças contribuem para a riqueza e a complexidade da sociedade.

**Guia de turismo** é o profissional responsável por acompanhar um grupo de turistas, fornecendo informações históricas, culturais e curiosidades sobre o local visitado. Ele acompanha a visita e é responsável por atender as necessidades do grupo que esteja guiando. O guia de turismo é uma profissão reconhecida por lei e só pode ser praticada pelas pessoas que realizaram o curso e estejam registradas.

**Guia Turístico** é um folheto (impresso ou digital) especializado sobre o destino, facilitando a compreensão e a apreciação das atrações locais.

**Hospitalidade** é muito importante em várias áreas, principalmente no setor de turismo, hotelaria e serviços. Refere-se ao ato de receber e tratar bem os visitantes, clientes ou convidados, oferecendo-lhes conforto, segurança e uma experiência agradável. A hospitalidade vai além do simples atendimento. Envolve criar um ambiente onde as pessoas se sintam bem-vindas e valorizadas. Envolve o ato de receber alguém de forma calorosa e amigável, demonstrando interesse genuíno pelo bem-estar do outro. Também significa estar atento às pequenas coisas que podem melhorar a experiência da visita, antecipando necessidades. Para isso, é preciso se colocar no lugar do outro. Em algumas culturas, a hospitalidade é uma prática tradicional e ocorre de forma natural e espontânea.

**Inclusão** é o processo de criar um ambiente em que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, sintam-se valorizadas, respeitadas e capazes de contribuir plenamente. Enquanto a diversidade é sobre as diferenças, a inclusão é sobre como essas diferenças são acolhidas e integradas. É preciso criar oportunidades iguais, mas respeitando as diferenças de cada um. Para isso, é importante promover um ambiente acolhedor, onde todos se sintam seguros e respeitados. Para combater o preconceito, deve-se trabalhar ativamente para identificar e eliminar práticas discriminatórias.

**Infraestrutura turística** refere-se ao conjunto de instalações e serviços para apoiar e facilitar as atividades turísticas em um determinado destino.

**LIBRAS** é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, uma língua de modalidade gestual-visual onde é possível se comunicar através de gestos, expressões faciais e corporais. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de Abril de 2002, através da Lei nº 10.436. A Libras é muito utilizada na comunicação com pessoas surdas, sendo, portanto, uma importante ferramenta de inclusão social.

**Produção Associada ao Turismo(PAT)** qualquer produção artesanal, industrial ou agropecuária que detenha atributos naturais e/ou culturais, que seja capaz de compor a atratividade de um destino e diversificar a oferta turística. Os exemplos mais comuns são o artesanato e a produção agropecuária, mas manifestações culturais e a própria gastronomia também podem ser avaliados como produtos associados ao turismo.

**Serviços de apoio turístico** são todos aqueles serviços que complementam a experiência do viajante, garantindo que sua jornada seja mais confortável, segura e memorável.

**Turismo Sustentável e Responsável** é uma forma de viajar que diminui o impacto negativo do turismo no meio ambiente e nas comunidades locais. Isso significa escolher destinos que valorizam a natureza e a cultura local, consumir produtos e serviços locais, e respeitar os costumes e tradições das comunidades.

## Referências

**Associação de Cultura Gerais.** Manual para o Desenvolvimento e a Integração de Atividades Turísticas com Foco na Produção Associada. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

**ANSARAH, M. G. dos R. (org.).** Turismo: Como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.

**ARAUJO, C. M.** Ética e Qualidade no Turismo do Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

**ARAÚJO, I. R. de (org.).** Hospitalidade: Contribuições, reflexões e tendências. 1. ed. Salvador: FIB, 2007.

**BENI, M. C. (ed.).** Análise Estrutural do Turismo. 7. ed. [S.l.]: Senac, 2002.

**CORIOLOANO, L. N. M. T.** O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza. São Paulo: Anna Blume, 2006.

**DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (org.).** Hospitalidade: Cenários e Oportunidades. 1. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

**FRIDELL, G.** Fair Trade Coffee: The Prospects and Pitfalls of Market-Driven Social Justice. University of Toronto Press, 2007.

**HOWKINS, J.** Economia Criativa: Como ganhar dinheiro com ideias criativas. 1. ed. São Paulo: M. Books, 2013.

**IGANARRA, L. R.** Fundamentos do Turismo. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

**IRVING, M. de A.; AZEVEDO, J.** Turismo: O desafio da sustentabilidade. 1. ed. São Paulo: Futura, 2002.

**JAFFEE, D.** Brewing Justice: Fair Trade Coffee, Sustainability, and Survival. University of California Press, 2007.

**LEMOS, L. de.** O Valor Turístico na Economia da Sustentabilidade. São Paulo: Aleph, 2005. (Turismo).

**LEMOS, L. de.** Turismo: Que Negócio é Esse?: Uma análise da economia do Turismo. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

**MARISTA, I.** Comércio Justo e Solidário: Sistema Nacional do Comércio Justo e Solidário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtYQH7h9NBs>. Acesso em: 22/08/2024.

**NICHOLLS, A.; OPAL, C.** Fair Trade: Market-Driven Ethical Consumption. SAGE Publications, 2005.

**Nuny pelo Mundo. O que é Turismo Sustentável.** | Turismo sustentável e responsável além das práticas de higienização. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Puc\\_F9NEd-M](https://www.youtube.com/watch?v=Puc_F9NEd-M) Acesso em: 22/08/2024.

**PETROCHI, M.** Turismo: Planejamento e gestão. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.

**RAYNOLDS, L. T.; MURRAY, D.; WILKINSON, J. (Eds.).** Fair Trade: The Challenges of Transforming Globalization. Routledge, 2007.

**RUSCHMANN, D.** Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

**RUSCHMANN, D.** Turismo no Brasil: Análise e Tendências. 1. ed. Barueri: Manole, 2002.

**SAWYER, E. J.; TASSO, J. P. F.; ASSAD, L. T. (org.).** Turismo Sustentável: Projeto de desenvolvimento do Turismo sustentável nas regiões dos Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba, Serra da Capivara e Jericoacoara. Brasília: IABS, 2010. (Cooperação Brasil-Espanha para o Turismo Sustentável).

**SWARBROOKE, J.** Turismo Sustentável: Turismo cultural, ecoturismo e ética. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002. v. 5. (Turismo, v. 5).

**SUPER ENSINO.** Cultura brasileira e culturas regionais | História 5º ano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MGALB4b3O5I>. Acesso em: 22/08/2024.

**TERRA.** Dez frases e expressões homofóbicas para tirar do vocabulário. Disponível em: <https://www.terra.com.br/story/nos/paradasp/10-frases-e-expressoes-homofobicas-para-tirar-do-vocabulario,13219f0fd7317ea055c603cfce972d18icvb-0sas.html>. Acesso em: 22/08/2024.

**TREVIZAN, S. D. P. (org.).** Comunidades Sustentáveis: a partir do Turismo com base local. 1. ed. Ilhéus: UESC, 2006.

**TURISMO Comunitário e Responsabilidade Socioambiental.** 1. ed. Fortaleza: EDUECE, 2003.

**UOL.** Órfão de etnia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/xama/#page5>. Acesso em: 15/08/2024.



Neste 3º volume, seguimos a narrativa e exploramos o universo do turismo, focando no perfil dos turistas e suas expectativas, além de como a comunidade pode recebê-los de forma eficaz e respeitosa.

Abordamos a importância do turismo como motor econômico e conector de culturas, destacando temas como a análise da demanda turística, hospitalidade, infraestrutura, transporte, hospedagem, alimentação e guiamento. Também discutimos características desejáveis do turismo, como ser de base comunitária, histórico-cultural, criativo, étnico, sustentável e solidário, além de práticas de comércio justo e consumo responsável.

[portalgeracao.com/site](http://portalgeracao.com/site)



MINISTÉRIO DO  
TRABALHO  
E EMPREGO



**DIVERSIFICA**  
INCLUSÃO & DIVERSIDADE

